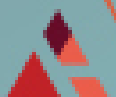


# BOLETIM NEAAPE

v.06 n.03 - dez. 2022



BOLETIM NEAAPE  
ISSN 2594-6935

O Boletim NEAAPE divulga análises sobre o processo decisório de política externa de distintos países, bem como sobre temas que integram as agendas de política exterior. A publicação tem periodicidade quadrimestral e é composta por editorial e textos dirigidos a leitores interessados em ter acesso rápido a informações de qualidade sobre temas contemporâneos.

A publicação é vinculada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP/UERJ).

É permitida a reprodução deste boletim e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## **Corpo Editorial**

### **Conselho Editorial**

Fernanda Cristina Nanci Izidro Gonçalves  
Leticia de Abreu Pinheiro  
Maria Regina Soares de Lima

### **Editor Executivo**

Leandro Wolpert dos Santos

### **Editor Adjunto**

Eduardo Morrot Coelho Madureira

### **Editoria de Redação**

Anna Karolinne de Holanda Ribeiro  
Beatriz Silva Flores dos Santos  
Eduardo Morrot Coelho Madureira  
Felipe Vidal Benvenuto Alberto  
Fernanda de Abreu Appolinário  
Ghaio Nicodemos Barbosa  
Johanna Larrubia Barreto  
Juliana Pinto Lemos da Silva  
Leandro Wolpert dos Santos  
Levi Salomão Matsinhe  
Marcelly Firmino Luiz Fortunato  
Marllon Motta da Rocha  
Nathalia de Oliveira Tavares  
Paulo Jacob Inguane  
Rafaela Rodrigues Blanco Guimarães  
Tomás Paixão Borges

## **Núcleo de Estudos Atores e Agendas de Política Externa**

neaape.com.br



Instituto de Estudos Sociais e Políticos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rua da Matriz, 82 - Botafogo  
CEP: 22260-100  
Rio de Janeiro – RJ  
(21) 2266-8300

# SUMÁRIO

4

## **EDITORIAL**

Leticia Pinheiro

Fernanda Nanci Gonçalves

Leandro Wolpert dos Santos

Eduardo Morrot

7

## **A Política Externa Brasileira nos programas partidários das eleições presidenciais de 2022**

Felipe Vidal Benvenuto Alberto

Marllon Motta da Rocha

Tomás Paixão Borges

18

## **A escassez da política externa nos debates presidenciais em 2022: perspectiva comparada dos candidatos Lula e Bolsonaro**

Anna Karolinne de Holanda Ribeiro

Fernanda de Abreu Appolinário

27

## **Da Campanha de Ódio à Polarização: as Eleições Presidenciais de 2022 na Imprensa Nacional e Internacional**

Johanna Larrubia Barreto

Paulo Jacob Inguane

## Editorial

### *2022: o ano que entrará para a História*

---

**Leticia Pinheiro**

Coordenadora  
Neaape

**Fernanda Nanci  
Gonçalves**

Coordenadora  
Neaape

**Leandro Wolpert  
dos Santos**

Editor Executivo  
Boletim NEAAPE

**Eduardo Morrot**

Editor Adjunto  
Boletim NEAAPE

O ano de 2022 entrará para a História, tanto do ponto de vista das relações internacionais e regionais quanto da política brasileira.

Sem que ainda tivesse se recuperado da crise sanitária resultante da pandemia de Covid-19, o mundo assistiu, logo no início de 2022, à eclosão de uma guerra que voltou a evocar os fantasmas da Guerra Fria e da hecatombe nuclear: no dia 24 de fevereiro, alegando motivações, entre outras, que remontam ao conflito bipolar da segunda metade do século XX, a Rússia invadiu o território ucraniano em diversas frentes simultâneas com um poderio militar assombroso. O que era para ser um conflito restrito e de curta duração, logo passou a envolver os interesses permanentes das nações de diversas partes do mundo, sem que, hoje, seja possível divisar qualquer previsão de término a contento das partes envolvidas.

No âmbito regional sul-americano, uma “nova onda rosa”, ainda que repaginada e de contornos indefinidos, avançou sobre a quase totalidade dos países do subcontinente com a ascensão ao governo de lideranças de centro-esquerda, inclusive na orla do Pacífico, onde o neoliberalismo, historicamente, logrou fincar raízes mais profundas. Em junho de 2022, a Colômbia elegeu, pela primeira vez em sua história recente, um presidente de esquerda para comandar o país, feito que nem mesmo a “maré” progressista da primeira década dos anos 2000 conseguiu alcançar. A dialética histórica nos lembra, no entanto, que os processos históricos nunca são lineares, porquanto eivados de contradições. Enquanto o plebiscito no Chile, realizado na esteira de amplas manifestações populares de esquerda, não conseguiu derrubar a constituição da ditadura Pinochet dos anos 1970, no Peru, o presidente escolhido por setores marginalizados da sociedade teve seu mandato abreviado pela metade após uma profunda crise política e institucional que sacudiu o país e cujo desfecho ainda é desconhecido.



No Brasil, o conturbado processo eleitoral que resultou na vitória apertada de Lula da Silva (PT) não permite nutrir ilusões sobre os difíceis desafios que a “nova onda rosa” enfrentará no país. Em outubro de 2022, tivemos as eleições mais acirradas da nossa recente democracia, com o maior número de eleitores comparecendo às urnas. Além de polarização extrema, como nunca vista, a disputa eleitoral foi marcada por manifestações antidemocráticas e até mesmo terroristas que tomaram as ruas para contestar o resultado legítimo das urnas, que consagrou a eleição de Lula com mais de 60 milhões de votos, fazendo do líder petista o candidato à presidência que mais ganhou votos na história republicana do país.

O NEAAPE acompanhou de perto todos esses movimentos na política internacional, regional e nacional, publicando diversos textos e artigos ao longo do ano, seja no Boletim NEAAPE, seja em nossas redes sociais ou no *clipping* de notícias Conjuntura Latitude Sul. No entanto, neste último número do Boletim de 2022, focamos nossa atenção especialmente nas eleições presidenciais brasileiras. Embora a discussão sobre política externa tenha ficado aquém do esperado nos debates entre os candidatos e tenha sido pouco explorada nos programas partidários de governo, julgamos essencial investigar de que forma essa temática foi abordada na disputa eleitoral. Além disso, reservamos um espaço para tratar da cobertura do processo eleitoral brasileiro feito pela imprensa nacional e internacional, haja vista o papel fundamental da imprensa sobretudo em um período em que a disseminação de *fake news* se tornou um instrumento eficaz na campanha de tantos candidatos à eleição.

Desse modo, no artigo “A Política Externa Brasileira nos programas partidários das eleições presidenciais de 2022”, Felipe Vidal Benvenuto Alberto, Marllon Motta da Rocha e Tomás Paixão Borges analisam como os partidos políticos/coligações trataram o tema em seus projetos governamentais. Ao avaliarem os programas dos candidatos Lula da Silva, Jair Bolsonaro, Simone Tebet, Ciro Gomes, Soraya Thronicke, Felipe D’Ávila e Padre Kelmon, os autores concluem que as propostas são díspares, algumas mais limitadas ao campo da economia e outras mais abrangentes para incorporar outras temáticas que perpassam a agenda de política externa. Por sua vez, em “A escassez da política externa nos debates presidenciais em 2022: perspectiva comparada dos candidatos Lula e Bolsonaro”, Fernanda Abreu Appolinário e Anna Karolinne de Holanda Ribeiro destacam a carência de discussão sobre as relações exteriores nos debates presidenciais no primeiro e segundo turno, avaliando como os candidatos Lula da Silva e Jair Bolsonaro abordaram assuntos relativos à política externa apenas no último debate do segundo turno, de forma bastante polarizada. Concluindo a edição, Johanna Larrubia Barreto e Paulo Jacob Inguane exploram em “Da Campanha de Ódio à Polarização: as Eleições Presidenciais de 2022 na Imprensa Nacional e Internacional” a forma como veículos de comunicação como Globo, Folha, CNN Brasil, *La Nación*, *The Washington Post*, *El País*, *Le Monde*, *The Guardian*, dentre outros, repercutiram o processo eleitoral brasileiro.

O começo da segunda década do século XXI não tem sido fácil para o mundo. A pandemia de covid-19, o conflito prolongado entre a Rússia e a Ucrânia com desdobramentos em escala planetária, o aprofundamento da crise das democracias no mundo e a consolidação da tendência irreversível do aumento da temperatura global<sup>[1]</sup> representam sérias ameaças à própria existência da civilização humana. Ciente da importância, cada dia mais premente, porém por vezes despercebida, das relações internacionais e da forma como os países nelas se posicionam no cotidiano das pessoas, o Boletim NEAAPE, assim como fez ao longo de 2022, renova seu compromisso para 2023 com a publicação de análises e pesquisas que fomentem a transparência dos temas que integram a agenda da política externa, bem como o processo decisório desta importante política pública, tendo sempre como norte a perspectiva do Sul Global. Desejamos a todas e todos uma excelente leitura!

*Recebido para publicação em 23 de janeiro de 2023.*

---

[1] Segundo a Organização Meteorológica Mundial, 2022 foi o quinto ano mais quente da história do mundo desde 1880. Miranda, G. 2022 foi o quinto ano mais quente da história, dizem Nasa e Organização Meteorológica Mundial. In: Folha de São Paulo, 12/01/2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/01/2022-foi-o-quinto-ano-mais-quente-da-historia-dizem-nasa-e-organizacao-meteorologica-mundial.shtml>. Acesso em: 23/01/2022.

## A Política Externa Brasileira nos programas partidários das eleições presidenciais de 2022

**Felipe Vidal  
Benvenuto  
Alberto**

Pesquisador  
NEAAPE

**Marllon Motta  
da Rocha**

Pesquisador  
NEAAPE

**Tomás Paixão  
Borges**

Pesquisador  
NEAAPE

### Introdução

Nos últimos anos, o campo de estudos sobre a política externa brasileira passou por uma forte reorientação, tendo em vista a entrada de novos atores e agendas no debate internacional. Novas obras possibilitaram a reflexão sobre o processo de formulação da política externa desde uma perspectiva de influência de outras agências estatais e não estatais, como também viabilizaram uma discussão sobre a estruturação do conteúdo da política externa brasileira a partir da interação do internacional com o subnacional<sup>[1]</sup>.

Ao longo dos anos, a política externa brasileira passou a ser categorizada como uma política pública e não apenas como uma política de Estado. O processo de formulação e implementação da política externa passa a ser entendido como parte da própria lógica da política. Diferentes pastas e órgãos do governo influenciam a formação da política externa brasileira por meio de um conjunto sem-fim de coalizões políticas, barganhas e disputas<sup>[2]</sup>.

Paulo Roberto de Almeida<sup>[3]</sup> já havia contribuído para essa discussão com sua reflexão sobre os partidos políticos e política externa brasileira de 1946 até a redemocratização. Conforme aponta o autor, o pluripartidarismo favoreceu o enriquecimento do debate acerca da política externa brasileira. Almeida defende que não se pode deixar os partidos políticos à margem da formulação da política exter-

7

[1] Milani, C. R. S.; Pinheiro, L. Política Externa Brasileira: Os Desafios de sua Caracterização como Política Pública. In: Contexto Internacional, v. 35, n. 1, 2013 p. 11-41.

[2] Milani, C. R. S.; Pinheiro, L. op. cit.

[3] Almeida, P. R. In: Revista de Informação Legislativa, v. 23, n. 91, 1986, p. 173-216. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/181697>. Acesso em: 12/01/2023.

na brasileira, pois “*sua integração nessa esfera relativamente complexa da atividade governamental é uma exigência mesma da nova realidade política brasileira*”<sup>[4]</sup>.

A política externa pode ser expressa na forma de negociações e acordos comerciais, como também na participação em fóruns e encontros que visem a aproximação política, econômica e cultural com outro Estado<sup>[5]</sup>. Como toda política pública, incorpora ainda uma visão de mundo (ou, de forma análoga, uma *ideologia*) que fornece sentido e expectativa sobre a decisão tomada.

A partir das breves considerações acima, o presente artigo apresenta uma análise das propostas referentes à política externa brasileira nos programas de governo de 7 (sete) candidatos do primeiro turno das eleições presidenciais de 2022: Luiz Inácio Lula da Silva, Jair Bolsonaro, Simone Tebet, Ciro Gomes, Soraya Thronicke, Felipe D’Ávila e Padre Kelmon. Vale salientar que o artigo tratará dos programas de governo apresentados pelas coligações de apoio juntamente aos partidos, na representação dos presidenciais supracitados. Na ausência de uma coligação, o programa analisado será referenciado apenas ao partido pertinente. O recorte foi feito a partir dos candidatos cuja representação partidária na última legislatura do Congresso Nacional era de, no mínimo, cinco parlamentares. Desta forma, pretende-se observar como os partidos trataram o tema em seus projetos governamentais. Como consequência, também será possível observar como temas tradicionalmente considerados de outras pastas são trabalhados em cada programa.

8

### **Política externa no programa de governo da coligação Brasil da Esperança (PT, PSB, PCDOB, PV, PSOL, Rede, Solidariedade, Avante e Agir): Lula<sup>[6]</sup>**

O programa de governo da Coligação Brasil da Esperança revive as linhas gerais da política externa “ativa e altiva” desenvolvida durante os dois mandatos anteriores de Lula (2003-2010). Neste âmbito, a cooperação Sul-Sul, a defesa do multilateralismo e a denúncia das assimetrias do cenário internacional voltam a ser os eixos principais da política externa de um futuro governo Lula, com o objetivo de reconstruir “o respeito que [o Brasil] possuía em todo o mundo”<sup>[7]</sup>.

[4] Almeida, P. R. op. cit. p. 214.

[5] Bojang, A. S. The Study of Foreign Policy in International Relations. In: Journal of Political Science and Public Affairs, v. 6, n. 4, 2018, p. 1-9. Disponível em: <https://www.longdom.org/open-access-pdfs/the-study-of-foreign-policy-in-international-relations-2332-0761-1000337.pdf>. Acesso em: 12/01/2022.

[6] Lula da Silva, L. I. Diretrizes para o programa de reconstrução e transformação do Brasil: Lula Alckmin 2023-2026. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/893498/5\\_1659820284477.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/893498/5_1659820284477.pdf). Acesso em: 12/01/2023.

[7] Lula da Silva, L. I. op. cit. p.17.



Tais características estão expressas na seção “A defesa da democracia e reconstrução do Estado e da soberania”, que destaca a importância de uma política externa “ativa e altiva” para “defender nossa soberania [...] e alçar [o Brasil] à condição de protagonista global”<sup>[8]</sup>. No plano, a soberania seria garantida por meio de duas estratégias distintas: i) a independência em relação aos posicionamentos de outros países nas arenas internacionais, contrapondo-se a um americanismo ideológico<sup>[9]</sup> que teria sido adotado pelo governo Bolsonaro<sup>[10]</sup>; e ii) na promoção da integração regional, com protagonismo brasileiro para o desenvolvimento conjunto dos países da América do Sul, América Latina e Caribe.

Sobre este segundo ponto, o plano destaca a importância do Mercosul, da União das Nações Sul-Americanas (Unasul) e da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e do Caribe (Celac). O investimento nas parcerias nos marcos de tais blocos será fundamental para atingir os objetivos da política externa ativa e altiva posta em prática pelo ex-chanceler Celso Amorim durante os anos de governo Lula, sendo estes notadamente a construção de uma nova ordem global comprometida com o multilateralismo, o respeito à soberania das nações, à paz, à inclusão social e à sustentabilidade ambiental. Tais metas contemplariam “as necessidades e os interesses dos países em desenvolvimento, com novas diretrizes para o comércio exterior, a integração comercial e as parcerias internacionais”<sup>[11]</sup>.

No âmbito diplomático, a principal inovação do programa de governo é a ênfase no atendimento consular às comunidades brasileiras no exterior. Por fim, encontram-se visões comuns aos anos de governo Lula, como a defesa da participação do Brasil em assentos multilaterais<sup>[12]</sup> e do fortalecimento do grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), a importância do investimento em políticas de defesa e inteligência para controle do espaço aéreo e do mar territorial brasileiro e o compromisso com as metas de emissão de carbono acordadas no Acordo de Paris de 2015.

[8] Lula da Silva, L. I. op. cit. p. 17.

[9] Pinheiro, L. Traídos pelo desejo: um ensaio sobre a teoria e a prática da política externa brasileira contemporânea. In: Contexto internacional, v. 22, n. 2, 2000, p. 305.

[10] Nas palavras do programa partidário, soberania é, entre outras definições, “estabelecer livremente as parcerias que forem as melhores para o país, sem submissão a quem quer que seja” (LULA DA SILVA, 2022, p. 18).

[11] Lula da Silva, L. I. op. cit. p. 18.

[12] No plano, não foi especificado em quais instituições multilaterais o futuro governo Lula priorizaria tomar assento. Convém frisar, entretanto, a prioridade da diplomacia brasileira em reformar o Conselho de Segurança da ONU e sua liderança em organismos como a FAO durante os governos petistas.

## Política externa no programa de governo da coligação Pelo Bem do Brasil (PL, Republicanos, Progressistas): Jair Bolsonaro<sup>[13]</sup>

Diferentemente das eleições de 2018<sup>[14]</sup>, as propostas de Jair Bolsonaro para a política externa brasileira destacaram linhas de argumentação mais tradicionais ao Itamaraty. No centro do plano, por exemplo, o Brasil é apresentado como um “defensor histórico de uma ordem global multipolar, alicerçada no direito internacional e centrada na Carta das Nações Unidas”<sup>[15]</sup>.

Ao apontar uma série de incertezas que permeiam o cenário mundial, como questões sanitárias, energéticas e econômicas, o documento faz menção à necessidade de protagonismo do Brasil nos debates, o que pode ser considerado como um dos pontos de maior cacofonia entre as proposições do incumbente e a postura do Itamaraty durante os anos iniciais do governo Bolsonaro<sup>[16]</sup>. As justificativas para essa proposição se encontram em uma alegada “vocação universalista”<sup>[17]</sup>, que é exemplificada pela presença do país em fóruns internacionais e iniciativas de integração regional.

Na temática ambiental, o programa destaca a condição do país como um dos principais produtores de alimentos do mundo e dono de uma matriz energética limpa em contraste a outras nações do planeta. Se essas características garantiriam a soberania alimentar brasileira, a dependência externa do Brasil nos setores de saúde e fertilizantes aponta para a necessidade de investimentos de longo prazo para diminuir os riscos enfrentados no Brasil em casos de crises globais. Tais diagnósticos, entretanto, não levam a propostas práticas no âmbito de política externa, como participação em fóruns ambientais.

10

[13] Bolsonaro, J. M. Diretrizes de Plano de Governo: Pelo Bem do Brasil: Plano de Governo 2023-2026. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/908966/5\\_1660093698051.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/908966/5_1660093698051.pdf). Acesso em: 12/01/2023.

[14] Stuenkel, O. Estratégia de política externa de Bolsonaro representa graves riscos para o país. In: El País, 10/09/2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/10/opinion/1536578069\\_430072.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/10/opinion/1536578069_430072.html). Acesso em 22/12/2022.

[15] Bolsonaro, J. M. op. cit. p. 44.

[16] Sob a gestão do ex-chanceler Ernesto Araújo, em especial, a diplomacia brasileira adotou um posicionamento fortemente crítico aos organismos multilaterais. É importante notar, porém, que a orientação da política externa brasileira sofreu uma importante inflexão durante a gestão do chanceler Carlos França, que retoma boa parte de linhas mais tradicionais do Itamaraty, como a ênfase no multilateralismo e a prioridade nas relações com os vizinhos da América do Sul. O próprio Ernesto Araújo criticou a nova orientação diplomática de França, apontando que o chanceler teria tornado o Brasil “irrelevante para o mundo” e que representava o “establishment”. Waltembergh, G.; Chrispim, D. Ernesto Araújo diz que Carlos França tornou Brasil “irrelevante”. In: Poder 360, 15/01/2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/ernesto-araujo-diz-que-carlos-franca-tornou-brasil-irrelevante/>. Acesso em: 22/12/2022.

[17] Bolsonaro, J. M. op. cit. p.44.

Atribuindo protagonismo aos investimentos em capacitação militar, área destacada como “indutora para assuntos como domínio de tecnologia de ponta por meio de projetos estratégicos”<sup>[18]</sup>, a política externa é descrita pelo documento como algo que deve, genericamente, “estar alinhada aos parâmetros da Constituição Federal, como democracia, liberdade de expressão e liberdade econômica”<sup>[19]</sup>, além de incluir participação em acordos e operações internacionais. O processo de adesão plena à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, viria ao encontro de tais objetivos<sup>[20]</sup>.

Sob a bandeira de uma pretensa defesa e promoção da democracia, o texto ainda prevê a construção de alianças com países que estariam alinhados a esse mesmo propósito, assim como o aprofundamento das relações bilaterais já estabelecidas no mandato de Jair Bolsonaro (2019-2022).

### **Política externa no programa de governo da coligação Brasil para Todos (MDB, PSDB, Cidadania, Podemos): Simone Tebet<sup>[21]</sup>**

O programa de governo da coligação Brasil para Todos, que teve como candidata Simone Tebet, também aponta a retomada do protagonismo e relevância internacional do Brasil como um de seus pilares. Para tanto, um dos principais focos do programa é a negociação de acordos internacionais e a participação no comércio internacional como diretrizes do reposicionamento da política externa brasileira.

Em seu plano de governo, a ampliação tecnológica da indústria brasileira ganha destaque como uma ferramenta de impulso da internacionalização do Brasil e maior participação em cadeias globais de valor. A abertura comercial proposta e a integração do país com as cadeias internacionais são tomadas como objetivos de promoção do Brasil e como atrativos para maiores investimentos, em um amplo processo de internacionalização da economia brasileira<sup>[22]</sup>. Além disso, é definido um maior aprofundamento da atuação brasileira na Organização Mundial do Comércio (OMC), com a finalidade de promoção de maior abertura do sistema multilateral.

Em relação à América Latina, o programa sublinha a integração latino-americana no que se refere ao aprofundamento de acordos já existentes e negociação de outros novos. Para a América do Sul especificamente, é prevista a “integração física e investimentos estruturais

[18] Bolsonaro, J. M. op. cit. p. 45.

[19] Bolsonaro, J. M. op. cit. p. 45.

[20] Bolsonaro, J. M. op. cit. p. 45.

[21] Tebet, S. N. Coligação Brasil para Todos. Movimento Democrático Brasileiro. Princípios, Diretrizes e Compromissos. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/280001607833/pje-c6a5300b-Proposta%20de%20governo.pdf>. Acesso em: 12/01/2023.

[22] Tebet, S. N. op. cit. p. 36.

na região”<sup>[23]</sup>. Neste sentido, um dos objetivos principais é o aprofundamento do Mercosul através da liberalização do comércio de bens e serviços, assim como a movimentação de pessoas e capitais entre os sócios do bloco (ibid.).

Para a retomada do prestígio internacional brasileiro, prevê-se maior engajamento diplomático do país em diversos foros internacionais no que se refere às mudanças climáticas, desenvolvimento sustentável, paz e segurança internacional, narcotráfico, terrorismo e guerra cibernética, além do objetivo expresso de ampliação do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Por fim, a política externa no programa da coligação Brasil para Todos está alinhada ao fortalecimento da economia brasileira, a partir da internacionalização e atração de investimentos ao país.

### **Política externa no programa de governo do partido democrático trabalhista (PDT):** **Ciro Gomes**<sup>[24]</sup>

O programa de governo do PDT reserva um espaço diminuto para o debate sobre política externa. As esparsas referências ao longo do plano de 26 páginas destacam temas habituais para partidos de cunho trabalhista e nacionalista, tais como a defesa da soberania e do interesse nacional, que indicam os “princípios pelos quais as negociações comerciais e diplomáticas serão seguidas”<sup>[25]</sup>.

As duas temáticas se articulam como eixos fundamentais do Projeto Nacional de Desenvolvimento, que forneceria as bases e metas para a construção de um projeto de longo prazo para o Brasil. Apesar de não diretamente explicitado no programa de governo, o conceito de “nacional” para o imaginário pedetista aponta para uma crítica à liberalização do comércio e aplicação no Brasil de modelos econômicos universais<sup>[26]</sup>. Como aponta o próprio candidato **Ciro Gomes** em seu livro *Projeto Nacional: o dever da esperança*, “o nacional do termo lembra que não há um modelo universal a ser seguido, pois as condições de empreender, produzir e trabalhar seguem dramaticamente nacionais. Significa abrir mão da ideia mitificadora de globalização total”<sup>[27]</sup>.

[23] Tebet, S. N. op. cit. p. 37.

[24] Gomes, C. F. Linhas gerais do programa de governo de **Ciro Gomes**, do PDT, à Presidência da República em 2022. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/882713/5\\_1659989903215.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/882713/5_1659989903215.pdf). Acesso em: 12/01/2023.

[25] Gomes, **Ciro Ferreira**. op. cit. p. 8.

[26] No caso acima, o termo parece apontar ao caráter universalista (não-contextual) do neoliberalismo. A tal respeito, convém frisar a crítica costumeira de **Ciro Gomes** durante sua campanha eleitoral ao “equivoco da retórica neoliberal de que o desenvolvimento vai ocorrer pelo espontaneísmo individualista de mercado”. Gomes, C. F. *Projeto Nacional: o dever da esperança*. 1ª ed. São Paulo: Editora Leya, 2020, p. 107).

[27] Gomes, C. F. op. cit. p. 105.

No horizonte de expectativas, as metas de desenvolvimento alcançadas como em Portugal encontram-se como uma referência a ser seguida<sup>[28]</sup>. Tal objetivo se daria sobretudo a partir da reindustrialização de setores estratégicos, como o bioquímico, e em investimentos na educação, que levariam o Brasil, no longo prazo, à construção de um dos melhores sistemas de educação pública do mundo<sup>[29]</sup>. Da Europa, viria também o exemplo de regulação de *streamings* e obrigatoriedade de investimento em produções artísticas locais, que ajudaria a reafirmar uma identidade nacional através da cultura, “hoje gravemente ameaçada por uma estética internacional que tem impacto nos desejos, hábitos de consumo e na felicidade das pessoas”<sup>[30]</sup>.

Por fim, nota-se a inexistência de referências sobre a soberania da Amazônia e sobre o entorno estratégico sul-americano, temas caros aos partidos brasileiros e ao próprio candidato Ciro Gomes. No plano de governo do PDT, o debate sobre os mecanismos multilaterais e as parcerias estratégicas regionais perde foco frente a um debate genérico em torno do “interesse nacional”.

### **Política externa no programa de governo do União Brasil: Soraya Thronicke<sup>[31]</sup>**

As referências à política externa brasileira no plano da candidata do União Brasil estão pulverizadas, não havendo uma seção dedicada exclusivamente à mesma no programa. Nas raras referências encontradas, nota-se o papel importante que o Brasil poderá ter nas cadeias globais de suprimento e na segurança alimentar e energética do planeta.

No argumento desenvolvido em relação ao contexto internacional contemporâneo, a Guerra Russo-Ucraniana teria colocado a demanda por energia como prioridade para a agenda internacional de qualquer país. Não à toa, a seção “Energia, clima e segurança hídrica” apresentará a maior parte das referências à política externa brasileira. Na busca por um protagonismo brasileiro no tema, o plano de governo de Thronicke aposta no reposicionamento da atuação do Brasil na arena diplomática internacional, no cumprimento de metas climáticas internacionais e no fornecimento de apoio técnico à diplomacia brasileira “para que possa ser apresentado o potencial nacional de resolução da transição energética”<sup>[32]</sup>.

[28] Gomes, C. F. op. cit. p. 5.

[29] Gomes, C. F. op. cit. p. 12.

[30] Gomes, C. F. op. cit. p. 24.

[31] Thronicke, S. V. Coligação Brasil da Esperança. Proposta de plano de governo da candidata à Presidência da República 2023-2016. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/913738/5\\_1660315476677.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/913738/5_1660315476677.pdf). Acesso em: 12/01/2023.

[32] Thronicke, S. V. op. cit. p. 43.

Apesar da autodenominação “liberal customizada” de Thronicke<sup>[33]</sup>, o imaginário que circunda a política externa brasileira do plano do União Brasil destaca temas bastante costumeiros da retórica dos militares brasileiros<sup>[34]</sup>, como a crescente “cobiça internacional sobre a riqueza nacional”<sup>[35]</sup> e a “ingerência internacional no processo decisório sobre a Amazônia”<sup>[36]</sup>. Tais questões seriam afastadas a partir do desenvolvimento de uma Política de Estado de Segurança Institucional<sup>[37]</sup>. Para sua concretização, entre outras necessidades, o país deverá também investir na política espacial e na Antártica, “ocupando espaços, produzindo conhecimento e desenvolvendo novos produtos” que garantirão a soberania do país<sup>[38]</sup>.

Por fim, há uma definição genérica das parcerias diplomáticas com outros Estados da América do Sul, que se limita à “vigilância nas fronteiras, preservação de áreas em comum e combate ao crime ambiental”<sup>[39]</sup>. Não há nenhuma referência a temáticas distintas a serem trabalhadas conjuntamente ou a organismos regionais, tais como o Mercosul e a Unasul.

#### **Política externa no programa de governo do Partido Novo: Felipe D’Ávila<sup>[40]</sup>**

O programa do Partido Novo dedica uma seção exclusiva à política externa, intitulada “*Brasil Respeitado: Reconstruir a agenda internacional do País e recuperar a reputação na política externa*”. Nas palavras do autor, o principal objetivo é a retomada da credibilidade e a atuação do Brasil como protagonista no cenário internacional<sup>[41]</sup>.

14

[33] Agência Brasil. Soraya defende “liberalismo customizado” para o Brasil, 14/09/2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-09/soraya-defende-liberalismo-customizado-para-o-brasil>. Acesso em: 10/12/2022.

[34] Sobre a retórica militar, no livro em elaboração “Fundamentos do Pensamento Político Brasileiro”, Lynch (2022) aponta para a existência de um pensamento geopolítico militar no Brasil, que se expressa nas obras de nomes como Everardo Backheuser, Golbery do Couto e Silva e Therezinha de Castro. Curiosamente, Therezinha de Castro foi uma das primeiras autoras do país a propor a participação brasileira na exploração da Antártica, ainda na década de 70.

[35] Thronicke, S. V. op. cit. p. 6.

[36] Thronicke, S. V. op. cit. p. 45.

[37] Thronicke, S. V. op. cit. p. 6.

[38] Thronicke, S. V. op. cit. p. 45.

[39] Thronicke, S. V. op. cit. p. 46.

[40] D’Ávila, L. F. C. Partido Novo. Proposta de Governo: Um Novo Brasil para Todos. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/892517/5\\_1659557501045.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/892517/5_1659557501045.pdf). Acesso em: 12/01/2023.

[41] D’Ávila, L. F. C. op. cit. p. 27.

No projeto de governo de Felipe D'Ávila, a melhoria da imagem internacional do Brasil é pensada via a concretização de novos tratados comerciais, com grande destaque aos objetivos econômicos da política externa brasileira. Ao lado da temática econômica, o programa também prevê uma atuação mais ativa e pragmática em temas como meio ambiente, defesa, cyber-segurança e integração para questões sanitárias.

No âmbito do meio ambiente, as propostas do Partido Novo se concentram na definição de uma economia verde, com propostas centralizadas no desenvolvimento de uma economia de carbono zero. Neste sentido, as definições para o meio ambiente expressam uma orientação liberalizante da pauta<sup>[42]</sup>, ao prever o alinhamento da agenda socioambiental às aspirações de desenvolvimento econômico. De acordo com o programa, o objetivo sublinhado juntamente com a neutralização da emissão de carbono é a geração de riqueza a partir de uma economia verde, partindo da fixação de carbono, além da entrada em organismos internacionais como a OCDE.

O programa também define o que caracteriza como a “retomada da tradição diplomática brasileira” (ibid.). Na interpretação do Partido Novo, esta seria o restabelecimento do diálogo com parceiros tradicionais (e.g. o Mercosul e a União Europeia), além do maior engajamento em instituições multilaterais (e.g. OCDE).

Em relação ao Mercosul, o Novo comprometeu-se com a retomada da administração da integração regional. O foco do partido é a finalização do acordo de cooperação entre o bloco regional e a União Europeia. É importante pontuar que o partido sublinha, durante toda esta seção, o multilateralismo como instrumento importante para o desenvolvimento de sua política externa.

Em relação ao Mercosul, o Novo comprometeu-se com a retomada da administração da integração regional. O foco do partido é a finalização do acordo de cooperação entre o bloco regional e a União Europeia<sup>[43]</sup>. É importante pontuar que o partido sublinha, durante toda esta seção, o multilateralismo como instrumento importante para o desenvolvimento de sua política externa.

Conforme mencionado anteriormente, outro tema que é trazido para o guarda-chuva da política externa no programa do Partido Novo é a saúde. O partido propõe o desenvolvimento de uma política externa cooperativa no que tange o setor, visando melhorar a gestão de crises sanitárias a partir da participação em organismos multilaterais, em referência à crise de Covid-19.

Por fim, em relação à segurança, a participação do Brasil na política externa é definida em duas frentes. A primeira se refere à presença ativa em atividades multilaterais de combate ao terrorismo e a crimes cibernéticos. A segunda vertente é explícita à Defesa. Deste

[42] D'Ávila, L. F. C. op. cit. p.28.

[43] D'Ávila, L. F. C. op. cit. p. 29.

modo, o programa prevê o desenvolvimento de tecnologias referentes a satélites e comunicação, associadas ao suporte à defesa. Além disso, também aponta para a demonstração da capacidade militar de atuação em áreas de fronteira terrestre, marítima e aérea.

### **Política externa no programa de governo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB): Padre Kelson**<sup>[44][45]</sup>

Reduzida a três linhas e com uma redação substantivamente genérica, a pauta de política externa no programa de governo do PTB está inserida em uma seção voltada às relações internacionais. O texto prevê apenas “a autodeterminação dos povos, a não intervenção e a não ingerência em assuntos internos de outros países e a solução pacífica dos conflitos”<sup>[46]</sup>.

No que tange a área ambiental, o partido defende a racionalidade na exploração dos recursos naturais e um potencial equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a proteção do meio ambiente. Já no aspecto econômico, o PTB se utiliza da defesa de um Estado mínimo para balizar seu reconhecimento sobre a importância do capital estrangeiro para o desenvolvimento nacional. A proposição se estende ao apoio de uma abertura da economia brasileira como um todo, “propondo medidas de liberação de importações que traduzam em liberdade de comércio”<sup>[47]</sup>.

16

### **Considerações Finais**

Para Almeida,

na medida em que os partidos políticos efetivamente contêm com uma “política externa” em seus programas, esta geralmente consiste ou numa formulação vaga de princípios gerais sobre as relações internacionais ou numa reafirmação particularizada das prioridades nacionais, em geral universalmente aceitas em regime pluralista”<sup>[48]</sup>.

[44] Jefferson, R. Plano de Governo 2023-2026: Presidente Bob Jeff 14. Disponível em [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/916134/5\\_1660343714472.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/916134/5_1660343714472.pdf). Acesso em: 12/01/2023.

[45] Originalmente vice na chapa de Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB, Kelson assumiu a titularidade quando o primeiro teve seu registro cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) antes mesmo que o período oficial de campanha se iniciasse.

[46] Jefferson, R. op. cit. p. 10.

[47] Jefferson, R. op. cit. p. 9.

[48] Almeida, P. R. op. cit. p. 179.



No entanto, ao passo que o sistema congressual brasileiro avança em direção ao pluripartidarismo e a política externa começa a ser categorizada como política pública, a arena da política externa é apresentada como o resultado de um conjunto de disputas políticas e de ideologias que percorrem o imaginário dos políticos e partidos. No presente artigo, buscamos evidenciar como a política externa foi trazida de diferentes maneiras pelos principais atores do pleito presidencial brasileiro de 2022.

De maneira geral, notamos que o tema não é tratado de forma consensual pelas diferentes coligações. Tal dissenso sobre os caminhos da política externa brasileira pode ser observado de diferentes maneiras. Em primeiro lugar, alguns partidos e coligações tratam a política externa tomando como central os resultados econômicos da política pública. Foi sublinhado como objetivos dos futuros governos destas coligações, por exemplo, a cooperação e integração comercial, a participação em fóruns econômicos, a atuação em organismos multilaterais que tratam prioritariamente do tema do desenvolvimento, entre outras temáticas.

Tal como colocado por Almeida<sup>[49]</sup>, alguns grupos políticos, ao assumirem o poder (ou ao pretenderem fazê-lo, como no caso dos concorrentes à presidência), apresentam uma tendência de preservação de alguns pontos considerados basilares por estes atores em matéria de política externa. De acordo com o autor, alguns partidos reconhecem a existência de alguns valores e princípios que garantem a “permanência do Estado e a projeção da nacionalidade”, e por consequência asseguram a continuidade da política externa “independentemente do jogo político”<sup>[50]</sup>. Temas como a segurança nacional, o progresso econômico e prestígio internacional, são exemplos de tais princípios.

Em contrapartida, outros programas não se limitam ao campo da economia e dedicam maior atenção a temas como a saúde e o meio-ambiente. Neste sentido, tais partidos e coligações apresentam uma diversificação do conteúdo da política externa. A integração regional, outro exemplo, é uma temática priorizada por alguns partidos e ignorada por outros. Analisando a partir da ótica apresentada por Almeida<sup>[51]</sup>, é possível ainda argumentar que o aumento na participação política por parte dos partidos, favoreceu cada vez mais atores potencialmente interessados em temas da política externa. O que pode ter contribuído para a maior atenção atribuída à política externa nos programas de governo, assim como sua diversificação.

Por fim, nota-se como o sentido de conceitos tradicionais no campo de análise da política externa pode variar de acordo com o ator que os emite. Termos como soberania e democracia ganham diferentes ênfases a partir das distintas visões de mundo dos partidos, como vimos no caso do PDT e da Coligação Brasil da Esperança.

*Recebido para publicação em 22 de dezembro de 2022.*

[49] Almeida, P. R. op. cit.

[50] Almeida, P. R. op. cit. p. 177.

[51] Almeida, P. R. op. cit.

## A escassez da política externa nos debates presidenciais em 2022: perspectiva comparada dos candidatos Lula e Bolsonaro

---

**Anna Karolinne  
de Holanda  
Ribeiro**

*Pesquisadora  
NEAAPE*

**Fernanda  
de Abreu  
Appolinário**

*Pesquisadora  
NEAAPE*

### **Introdução**

As eleições presidenciais em 2022 no Brasil foram acompanhadas de acalorados debates veiculados nas principais redes de comunicação do país, como de costume. Dentre os mais variados temas abordados pelos candidatos, notou-se, pelos olhos dos mais atentos às relações internacionais, a escassez de um assunto em específico: a política externa. Nos últimos quatro anos, sob gestão de Jair Bolsonaro, as oscilações da política externa brasileira e suas consequências lançaram luz à importância do tema e, portanto, a carência da discussão sobre as relações exteriores nos debates presidenciais se mostrou um interessante objeto de estudo.

Durante o período que antecedeu o primeiro turno das eleições - que ocorreu no dia 2 de outubro - a ausência do tema da política externa nos debates presidenciais se mostrou ainda mais aguda. Neste recorte temporal, fizeram-se presentes nos debates os candidatos ao cargo da Presidência da República: Ciro Gomes (PDT), Luiz Felipe D'Ávila (Partido Novo), Jair Bolsonaro (PL), Lula (PT), Padre Kelson (PTB); Simone Tebet (MDB) e Soraya Thronicke (União Brasil). Neste cenário, foi possível identificar que, apesar de sua importância, discussões sobre futuras abordagens de política externa não ocuparam centralidade nos discursos dos candidatos.

Apesar disso, a política externa do Brasil foi tangenciada ao tratar sobre temas relativos ao meio ambiente, associando-o à recuperação da credibilidade internacional do país. O candidato do Partido Novo, Felipe D'Ávila, defendeu a necessidade de retomar o protagonismo brasileiro quanto ao meio ambiente e à redução das emissões de carbono: "O Brasil jamais vai voltar a ser um país confiável nas relações internacionais se continuar tratando o meio ambiente com o descaso que vem acontecendo nos



últimos anos”<sup>[1]</sup>. O tema ainda foi manifestado na abordagem sobre o cumprimento de acordos internacionais relativos às mudanças climáticas, questão levantada por Simone Tebet, do MDB: “Então, cuidar de meio ambiente é cuidar da vida. É isso. Nós vamos cumprir o Acordo de Paris, nós vamos deixar de ser pária internacional, porque hoje o mundo tem vergonha de nós”<sup>[2]</sup>. Em ambos os casos, foi possível identificar a insatisfação dos candidatos com a atual representação internacional do país, e a pretensão de instrumentalizar o tema do meio ambiente para reinseri-lo como ator de destaque.

De modo geral, a recuperação da imagem internacional do Brasil aparecia em todos os programas de governo que, a despeito do que se possa imaginar, tinham mais similaridades que distinções nesse sentido. Isso porque, quando se trata de política externa, nenhum deles se mostrou inovador e, em geral, reforçaram princípios e posturas anteriormente adotados na tradição brasileira. O que se pode diferenciar, na maior parte dos casos, é que as candidaturas de esquerda tenderam a se direcionar para as relações com a América Latina e a dialogar com governos de diferentes regimes, de modo a evitar o isolamento e ampliar o poder de barganha brasileiro, enquanto as de direita voltaram-se para defender o alinhamento a Estados considerados mais desenvolvidos, em especial os EUA e os países europeus<sup>[3]</sup>.

Tratando-se dos debates referentes ao segundo turno eleitoral, cuja votação ocorreu dia 30 de outubro, a política externa surgiu como tema, ainda que de forma tímida. O último debate entre os presidenciais, promovido pela TV Globo no dia 28 de outubro<sup>[4]</sup>, foi aquele que destacou a existência da política externa como uma pauta a ser tratada pelas candidaturas. Este debate se fez relevante e, portanto, tornou-se o foco principal deste artigo, uma vez que a política externa foi tratada como política de governo e o tema foi utilizado para discutir a inserção internacional do Brasil. Dessa maneira, a postura dos candidatos em relação à questão e a importância que dão a ela perante a população brasileira pôde ser mais bem compreendida.

Este artigo, portanto, tem por objetivo analisar como o tema da política externa brasileira foi tratado nos debates presidenciais das eleições de 2022, de modo a compreender a relevância do objeto

[1] Vasconcelos, C. Leia a íntegra do primeiro bloco do debate presidencial no UOL. In: UOL, 28/08/2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/28/debate-uol-primeiro-bloco.htm>. Acesso em: 20/12/2022.

[2] UOL. Leia a íntegra do debate presidencial na Globo, 30/09/2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/30/integra-debate-na-globo.htm>. Acesso em: 20/12/2022.

[3] Coelho, R.; Vessoni, A. Estudo analisa propostas de política externa de candidatos às eleições de 2022. In: Jornal da UNESP, 08/09/2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/09/08/estudo-analisa-propostas-de-politica-externa-de-candidatos-as-eleicoes-de-2022/>. Acesso em: 08/12/2022.

[4] UOL. Leia a íntegra do primeiro bloco do debate presidencial na Globo, 28/10/2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/28/integra-debate-na-globo-primeiro-bloco.htm>. Acesso em: 08/12/2022.

na agenda dos candidatos. Para isso, foram analisadas as falas<sup>[5]</sup> nos debates presidenciais veiculados por emissoras de televisão e jornais digitais<sup>[6]</sup> no período compreendido entre 28 de agosto e 28 de outubro do ano de 2022. No entanto, como anteriormente citado, a escassez da temática nos debates de primeiro e segundo turno direcionou o foco da análise para o último debate presidencial, durante o segundo turno eleitoral, disputado entre os candidatos Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL). Este foi o único debate em que a temática da política exterior foi efetivamente discutida, como veremos a seguir. Dessa maneira, as seções abaixo exploram o tratamento atribuído ao assunto por ambos os candidatos nos debates, seguidas pelas considerações finais a respeito da questão.

### A política externa na agenda do candidato Lula

A presença de temas relativos à política externa brasileira nos debates presidenciais no ano de 2022 foi pequena, porém protagonizada pelo candidato eleito Lula. O assunto foi incluído de forma breve, tendo sido mencionado apenas durante o último debate entre os candidatos do segundo turno, transmitido no dia 28 de outubro pela emissora TV Globo, e introduzido a partir do questionamento de Lula a Bolsonaro: “O que é que você vai fazer para reinserir o Brasil no mundo? Ou você vai continuar isolado, pior do que Cuba? Você está sozinho. Como é que você vai abrir relações nos outros países se você vive isolado? Ninguém quer conversar com você, ninguém quer vir aqui. Ninguém convida você para ir lá. Ou seja, você se autoexilou. Qual é a política externa que você vai colocar em prática?”

Diante destas perguntas, e dos subsequentes desvios de resposta por parte do concorrente - ponto que será abordado na seção seguinte -, surge a necessidade de discutir de que forma a política externa do país se fez presente no discurso do presidente eleito. Primeiramente,

[5] Quanto à análise realizada, é necessário reiterar a relevância proporcionada ao material e à sua escassez, transmitida por meio do silêncio e das lacunas na propagação de símbolos, imagens e referências. Para maiores informações acerca do significado dos pequenos gestos e do que é considerado micro para a formulação de políticas, defendido pela análise crítica como essencial para a composição do que é considerado macro, consultar: Guillaume, X.; Huysmans, J. The concept of ‘the everyday’: Ephemeral politics and the abundance of life. In: *Cooperation and Conflict*, 2018, p. 278-296; e Enloe, C. Flick of the skirt: A feminist challenge to IR’s coherent narrative. In: *International Political Sociology*, 2016, p. 320-331.

[6] Os seguintes debates presidenciais foram analisados: debate veiculado pelo UOL, em parceria com Band, Folha de S.Paulo e TV Cultura, realizado no dia 28 de agosto de 2022 (1º turno); debate promovido por SBT, CNN Brasil, Veja, O Estado de S. Paulo, Nova Brasil FM e Terra, realizado no dia 24 de setembro de 2022 (1º turno); debate promovido pela Rede Globo, realizado no dia 29 de setembro de 2022 (1º turno); debate veiculado pelo UOL, em parceria com Band, Folha de S.Paulo e TV Cultura, realizado no dia 16 de outubro de 2022 (2º turno) e debate promovido pela Rede Globo, realizado no dia 28 de outubro de 2022 (2º turno).

torna-se relevante destacar a questão do isolamento internacional do Brasil, mencionada por Lula. Deste modo, remonta-se a uma comparação entre a situação atual do país no campo da política externa e àquela dos governos Lula (de 2003 a 2010). Para isso, é necessário realizar uma brevíssima análise contextual, a considerar a extensão do presente artigo, para compreender o argumento levantado por Lula quanto ao atual isolacionismo brasileiro.

A ascensão de Lula ao cargo de Presidente da República após as eleições do ano de 2002 marcou um cenário de destaque para alguns aspectos da política externa brasileira, sobretudo ao pensar um maior aprofundamento das relações do Brasil com parceiros não-tradicionais até então. Como exemplo inicial, é possível fazer menção aos avanços na cooperação por meio das Cúpulas América do Sul-Países Árabes (ASPA), inauguradas no ano de 2005, e América do Sul-África (ASA), iniciadas em 2006. Estes novos moldes de cooperação nos quais o Brasil fez parte apontam o direcionamento na procura brasileira pela diversificação de parcerias do período que se instaurara<sup>[7]</sup>.

Para melhor categorizar este novo modelo de política externa desenvolvido durante o governo Lula, é importante destacar o conceito cunhado por Vigevani e Cepaluni sobre a autonomia pela diversificação<sup>[8]</sup>. A partir deste conceito, compreende-se que a maior aderência do Brasil a parcerias consideradas não-tradicionais permitiria a redução de assimetrias no cenário internacional e aumentaria o poder de barganha brasileiro<sup>[9]</sup>.

Partindo de tais premissas a respeito do posicionamento internacional do Brasil durante os governos Lula, deve-se destacar que a política externa brasileira é fundamentada em uma tradição universalista, o que significa que, mesmo diante de um período de diversificação de parcerias, um maior adensamento de relações com parceiros não-tradicionais ou estratégicos não implica maior distanciamento de parcerias mais antigas<sup>[10]</sup>. Neste período, o governo passou a enfatizar práticas diplomáticas que visassem o interesse nacional e defendessem a soberania do Estado, o que não significa abandono ou ruptura com o modelo anteriormente vigente.

[7] Saraiva, M. G. Continuidade e mudança na política externa brasileira: as especificidades do comportamento externo brasileiro de 2003 a 2010. In: *Relações Internacionais*. Lisboa: n. 37, março/2013.

[8] Saraiva, M. G. op. cit.

[9] O conceito de autonomia pela diversificação, aplicado ao Brasil durante o governo Lula, é definido como a “adesão do país aos princípios e às normas internacionais por meio de alianças Sul-Sul, inclusive regionais, e de acordos com parceiros não tradicionais” Vigevani, T.; Cepaluni, G. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. In: *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro: v. 29, n. 2, jul./dez. 2007, p. 283.

[10] Vigevani, T.; Cepaluni, G. op. cit.

Além desses pontos característicos da política externa dos governos Lula, o presidente eleito ainda mencionou no último debate ter sido o único presidente convidado a comparecer em todas as reuniões do G8 - fórum de discussão entre os oito países considerados mais influentes do mundo:

Eu fui o único Presidente a ser convidado para toda reunião do G8, eu fui Presidente que ajudei criar o BRICS, fui o presidente que criei o G20. Quando eu cheguei na Presidência, o nosso fluxo do comércio exterior era menos de cem bilhões, quando deixei era 482 bilhões de reais, além do que, deixei reserva de quase 370 bilhões de reais que está salvando este país até hoje<sup>[11]</sup>.

Ainda como parte da argumentação de Lula sobre a queda na efetividade da política externa brasileira no governo Bolsonaro, o encontro do então candidato com autoridades de alto nível de outros países também foi marcante no seu discurso: “Eu, sem ser presidente, fui recebido pelo chanceler alemão, pelo presidente da França e fui recebido pelo presidente do conselho de Ministros da Espanha. Ele não é recebido por ninguém.”<sup>[12]</sup>. Conforme levantado pelo presidente eleito durante os debates, mesmo antes das eleições presidenciais, Lula se encontrou com o presidente da Espanha, Pedro Sánchez; com o presidente da França, Emmanuel Macron; e com o chanceler alemão, Olaf Scholz. No âmbito do discurso, o destaque fornecido aos encontros com esses representantes reforça o anseio pelo retorno à adoção de medidas de cunho de diversificação de parcerias e de inserção internacional do Brasil por parte de Lula, ao mesmo tempo em que ressalta o descrédito internacional do atual presidente Jair Bolsonaro: “Ninguém quer te receber, ninguém vem aqui”.

A esse respeito, diante da ausência de resposta efetiva de Bolsonaro sobre a pergunta a respeito da política externa brasileira, Lula argumentou:

Eu perguntei e dei uma chance para ver se ele queria olhar para cara do povo brasileiro que está olhando, inclusive para família dele e dizer que Brasil que ele quer construir. Que Brasil que ele quer fazer. Porque um cidadão que governa esse país há quatro anos não tem política industrial, não tem política de desenvolvimento, não tem política de comércio exterior. Ou seja, ele não tem relação com nenhum país do mundo<sup>[13]</sup>.

Ao retomar a pergunta sobre o isolamento do país no cenário internacional, e diante da descontinuidade do tema nas respostas do candidato opositor, emerge uma reflexão sobre as lacunas no discurso que envolve a política externa. Lula, portanto, considerou, durante o

[11] UOL. Leia a íntegra do primeiro bloco do debate presidencial na Globo, 28/10/2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/28/integra-debate-na-globo-primeiro-bloco.htm>. Acesso em 20/12/2022

[12] UOL, op. cit.

[13] UOL, op. cit.

debate, que o silêncio pode significar desconhecimento e desqualificação de Bolsonaro quanto ao assunto, afirmando que o atual presidente não teria “o mínimo de noção do que é política externa”<sup>[14]</sup>. Deste modo, a seção seguinte terá como objetivo principal analisar o posicionamento de Bolsonaro em reação às provocações de Lula sobre a política externa do país.

### **Jair Bolsonaro e sua relação com a política externa nos debates presidenciais**

Desde sua campanha nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro prometia uma nova perspectiva na política externa brasileira: o afastamento do multilateralismo e ruptura com o “globalismo”<sup>[15]</sup>. Em linhas gerais, entendia a aproximação com outros países e comportamento ativo nas instituições internacionais como formas de perda da soberania nacional, aliando a seu discurso ideais patrióticos que colocavam a ideia de interdependência e cooperação em xeque. Suas propostas confrontavam as tradições diplomáticas do Brasil, em que o apreço pelo multilateralismo estava sempre em evidência.

Dessa forma, Bolsonaro instrumentalizou a política externa em seus discursos para se aproximar cada vez mais de suas bases eleitorais, em especial quando tratava de questões religiosas e econômicas, apropriando-se de declarações anti-China e anti-Palestina, por exemplo. Além disso, a pretensão de alinhamento político e ideológico com os EUA na época podia ser interessante no campo eleitoral em razão do perfil de seu eleitorado, mas não necessariamente para o país, frente à política externa errática e imprevisível do ex-presidente estadunidense Donald Trump<sup>[16]</sup>.

Quando eleito, Bolsonaro, visando a manutenção de sua base eleitoral para uma futura reeleição, continuou a utilizar a mesma estratégia. No entanto, colocavam-se como obstáculos para seu empreendimento as capacidades estatais brasileiras, em especial as diplomáticas, construídas através de anos de existência de uma burocracia já bem consolidada. O que seu governo fez, portanto, foi garantir que essas capacidades fossem enfraquecidas para que seu poder de agência fosse ampliado. Pinheiro e Santos, em artigo para o *Le Monde Diplomatique*, sintetizam essa reflexão no seguinte trecho:

[14] UOL, op. cit.

[15] Coelho, L. Jair Bolsonaro promete virada na política externa. In: Folha de São Paulo, 31/12/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/jair-bolsonaro-promete-virada-na-politica-externa.shtml>. Acesso em: 08/12/2022.

[16] Stuenkel, O. Estratégia de política externa de Bolsonaro representa graves riscos para o país. In: El País, 10/09/2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/10/opinion/1536578069\\_430072.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/10/opinion/1536578069_430072.html). Acesso em: 08/12/2022.

O que antes eram ativos no universo da política externa brasileira, para o novo governo transformaram-se em passivos. Em consequência, deu-se início a um processo de erosão de alicerces institucionais que permitiam a manutenção de inúmeras diretrizes consolidadas da atuação internacional do país. Num exercício quase autofágico, capacidades estatais, ou seja, recursos profissionais e materiais de que dispunha o Estado brasileiro para promover seus interesses no plano internacional, começaram a ser mobilizadas para extingui-las, em nome de uma alegada renovação da política externa. Assim, internamente no Itamaraty, deu-se início a reformas, substituição de pessoal e mesmo uma política de desprestígio de seus membros, como um meio de atingir os alegados novos objetivos de política externa<sup>[17]</sup>.

Isto posto, durante os quase quatro anos de instrumentalização da política externa brasileira para fins eleitoreiros, tendo como uma das principais ações a tentativa de obstrução das capacidades diplomáticas do país em prol de seus interesses privados, Bolsonaro optou por seguir o mesmo caminho nas eleições presidenciais de 2022. Porém, dessa vez, a abordagem utilizada foi um pouco diferente da escolhida em 2018, uma vez que suas diretrizes passaram a adquirir um caráter menos ideológico.

O último debate presidencial do segundo turno das eleições, ocorrido na TV Globo no dia 28 de outubro de 2022, diferentemente dos demais, abordou a política externa como ponto de discussão entre os candidatos. Ao analisar a postura de Bolsonaro a respeito do tema, percebeu-se que ele desviava constantemente das investidas do seu adversário. Quando perguntado por Lula sobre qual política externa pretendia colocar em prática, Bolsonaro rapidamente direcionava o assunto para polêmicas internas, afastando-se da questão, mesmo quando acusado de promover o isolamento do Brasil no sistema internacional.

Em uma de suas falas, Bolsonaro acusou Lula de alocar recursos em países como Venezuela enquanto investimentos eram necessários em território nacional, questionando as prioridades do ex-presidente, numa clara tentativa de discutir o plano doméstico em detrimento ao externo: “Por exemplo, Lula, por que que (sic) Belo Horizonte não tem metrô? E em Caracas, capital da Venezuela, tem. E lá com dinheiro nosso, do BNDES. Por que você priorizou fazer obras fora do Brasil e não aqui dentro?”<sup>[18]</sup>. Essa dinâmica se manteve ao longo do debate enquanto a política externa era abordada. À vista disso, observou-se que Bolsonaro se distanciava do tema a fim de se aproximar de seu eleitorado que, em geral, também estabelece essa separação entre doméstico e externo, sendo o primeiro mais importante que o segundo.

[17] Pinheiro, L.; Santos, L. W. dos. O Itamaraty na política externa do governo Bolsonaro. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*, 01/02/2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-itamaraty-na-politica-externa-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 08/12/2022.

[18] UOL, op. cit.



Ao questionar Lula, Bolsonaro, que poderia escolher falar a respeito do relacionamento brasileiro com quaisquer outros países no mundo, buscava ainda colocar estrategicamente em foco a relação com aqueles que não são bem vistos pela sua base eleitoral, como Venezuela, exemplificado pelo trecho anterior, e Cuba: “Você sabe qual a garantia de Cuba para o Brasil, caso não pagasse a dívida? Charutos. Tá lá no contrato. Lula, você não tem vergonha na cara de indicar um presidente do BNDES para ele fazer esse tipo de acordo com outros países, como charuto em garantias com Cuba? Explica aqui, Lula”<sup>[19]</sup>. Dessa forma, a partir das manobras argumentativas de Bolsonaro, foi possível observar a intenção de contestar as relações com regimes ideologicamente distantes de seu eleitorado com o objetivo de aproximá-lo ainda mais de sua campanha.

Por fim, pôde-se identificar novamente a utilização da política externa por Bolsonaro nos debates presidenciais como fator de promoção para interesses eleitorais. No entanto, diferentemente das eleições de 2018, em 2022, já com o peso da carga de suas decisões durante os últimos anos de mandato, o presidente optou por usar o tema para contrapor Lula, sintetizando em suas ações a ideia de que os interesses domésticos devem ser priorizados em relação aos externos, colocando a política externa como algo a parte do desenvolvimento nacional. Em suma, mesmo que em seus discursos Bolsonaro negue essa realidade, o saldo negativo da política externa de seus anos de governo que resultaram em certo grau de isolacionismo do Brasil no sistema internacional certamente teve algum papel na escolha de se afastar do tema quando confrontado no debate presidencial.

### Considerações Finais

Após a análise de como o tema da política externa apareceu nos debates dos candidatos às eleições presidenciais do Brasil, com foco no último debate transmitido pela TV Globo no segundo turno, alguns pontos tornam-se essenciais: a provocação de Lula quanto à necessidade de discutir política externa, o silêncio de Bolsonaro, e o silêncio dos demais candidatos durante os debates anteriores. Em primeiro lugar, o impulso de Lula ao universalismo presente em seus governos é refletido em nuances de seu discurso durante o debate com Bolsonaro, sobretudo ao comparar a política externa do país em momentos distintos e ao ressaltar seus encontros com representantes de outros países: levantando como contraponto o isolamento do Brasil no mundo e a baixa atuação e aceitação internacional do presidente Bolsonaro.

Quanto ao silêncio de Jair Bolsonaro, assim como suas tentativas de desvio do assunto e retorno às polêmicas de cunho doméstico de seu adversário, este também possui significado no âmbito da análise: seja pela associação de Lula sobre a falta de argumentos de Bolsonaro à desqualificação e desconhecimento, seja pela estratégia de Bolsonaro em tentar desacreditar Lula como candidato ao repetidamente

[19] UOL, op., cit.

levantar pontos de tensão de seus governos. Muito pode ser compreendido através dos silêncios e dos pequenos gestos, uma vez que tais símbolos são repletos de significados na formulação de políticas.

Para finalizar, faz-se relevante também destacar a ausência da pauta de política externa no debate dos demais candidatos à presidência, que deixaram de abordar um assunto que afeta a condução das relações internacionais do país ao qual concorriam ao cargo de Presidente da República, sendo que a política exterior faz parte das atribuições presidenciais. Deste modo, uma pergunta paira sobre as presentes considerações finais: O que explica o silêncio dos candidatos à presidência no que tange à política externa do país a que estão concorrendo? É pertinente discutir, sobretudo, os rumos dos pontos que passam a ser silenciados ou marginalizados no âmbito do discurso daqueles que pretendem formular políticas de cunho nacional para se inserir na comunidade internacional.

*Recebido para publicação em 30 de dezembro de 2022.*



# Da Campanha de Ódio à Polarização: as Eleições Presidenciais de 2022 na Imprensa Nacional e Internacional

---

**Johanna  
Larrubia Barreto**

*Pesquisadora  
Neape*

**Paulo Jacob  
Inguane**

*Pesquisador  
Neape*

## Introdução

Na política, o significado de polarização é a divisão de uma sociedade em dois polos a respeito de um determinado tema. No debate público recente no Brasil, contudo, o termo tem recebido uma conotação negativa, isto é, como a disputa entre dois grupos que se fecham em suas convicções e não estão dispostos ao diálogo. Por um lado, Jair Bolsonaro definiu a campanha como uma batalha entre “o bem e o mal”, afirmando que a volta de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder poderia significar a instalação do “comunismo” no Brasil. Por outro lado, Lula prometeu restaurar as conquistas sociais das classes mais vulneráveis que caracterizaram seu governo e também confrontou Bolsonaro por sua responsabilidade nas mais de 680.000 mortes durante a pandemia de Covid-19.

A eleição presidencial brasileira de 2022 foi considerada, por alguns analistas, como histórica, entre outras razões, por possuir o maior número de eleitores. Foi também a mais polarizada desde a redemocratização do país em 1989, com uma diferença de 1,72 ponto percentual<sup>[1]</sup>. Explica essa polarização, em grande medida, o fato de ser a primeira vez que se têm uma disputa de legados entre um presidente — Jair Bolsonaro — e um ex-presidente — Lula da Silva. Com efeito, a eleição de 2022 envolveu dois candidatos bem conhecidos de toda a população bra-

27

---

[1] Pinhoni, M. Brasil tem a eleição mais apertada para presidente desde a redemocratização. In: G1, 30/10/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/30/brasil-tem-a-eleicao-mais-apertada-para-presidente-desde-a-redemocratizacao.ghtml>. Acesso em: 13/12/2022.

sileira e que, como tal, têm altas intenções de voto e apoiadores fiéis, o que dificultou o surgimento de qualquer opção alternativa para a presidência<sup>[2]</sup>.

O período durante e pós-eleições teve diversos desdobramentos na mídia nacional e internacional. O presente artigo é um ensaio elaborado no âmbito da observação do processo eleitoral brasileiro em 2022 e suas implicações na imprensa. Nele, apresentam-se as principais manchetes com repercussão nacional e internacional do processo eleitoral. O trabalho usou como base os principais institutos que pesquisam sobre processos eleitorais no Brasil, bem como a imprensa digital, tanto nacional — tal como a Globo, a Folha, a CNN Brasil, etc. — quanto internacional — *La Nación*, *The Washington Post*, *El País*, *Le Monde*, *The Guardian*, dentre outros.

O texto foi organizado em duas seções. A primeira delas trata de um breve contexto de algumas características gerais que marcaram o contexto político e social das eleições brasileiras de 2022; e, na segunda, são analisados os desdobramentos da eleição de Lula no exterior e as reações de diversos líderes e entidades internacionais sobre o resultado das eleições no Brasil.

### **Breve contexto político e principais características das eleições brasileiras**

28

O processo eleitoral no Brasil, em um sentido mais amplo, diz respeito às fases organizativas das eleições, compreendendo também um breve período posterior. É organizado pela Justiça Eleitoral (JE), em nível municipal, estadual e federal. Na esfera federal, a JE possui como órgão máximo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), com sede em Brasília. Em cada estado da Federação e no Distrito Federal há um Tribunal Regional Eleitoral (TRE), bem como juízes e juntas eleitorais<sup>[3]</sup>.

O processo eleitoral brasileiro de 2022, de acordo com o estipulado na lei nº 9.504/1997, iniciou-se a partir da data pela qual postulantes a candidatas e candidatos podem realizar propagandas internas para serem escolhidos na convenção partidária para disputar cargos eletivos. Durante esse período, é proibido realizar propaganda intrapartidária com o uso de rádio, televisão e *outdoor*.

[2] Estado de Minas. Bolsonaro e Lula iniciam campanha mais polarizada em décadas, 16/08/2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/08/16/interna\\_politica,1386889/bolsonaro-e-lula-iniciam-campanha-mais-polarizada-em-decadas-no-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/08/16/interna_politica,1386889/bolsonaro-e-lula-iniciam-campanha-mais-polarizada-em-decadas-no-brasil.shtml). Acesso em: 12/10/2022.

[3] TSE. Processo eleitoral no Brasil, s./a. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/processo-eleitoral-brasileiro/funcionamento-do-processo-eleitoral-no-brasil>. Acesso em: 10/10/2022

Oficialmente, a campanha, assim como a propaganda verdadeiramente dita, teve seu início no dia 16 de agosto de 2022. Nesse período, os candidatos, os partidos políticos, as federações bem como suas coligações foram permitidos a realizar comícios, além da divulgação na imprensa escrita e, através da internet, os seus manifestos eleitorais<sup>[4]</sup>.

As eleições de 2022 estipulam a eleição de deputados estaduais, federais e distritais, além de senadores e governadores e do próprio presidente. No âmbito da Presidência da República, onze políticos se candidataram ao cargo, que possui mandato de quatro anos e possibilidade de reeleição. Os candidatos de maior destaque durante o período eleitoral foram: Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores - PT), Jair Bolsonaro (Partido Liberal - PL), Ciro Gomes (Partido Democrático Trabalhista - PDT) e Simone Tebet (Movimento Democrático Brasileiro - MDB)<sup>[5]</sup>.

Tal como se conjecturava, a campanha eleitoral rumo a eleição presidencial de 2 de outubro foi marcada pela presença de violência simbólica e física no país. Diante dessa preocupação, o ministro do STF, Edson Fachin, suspendeu temporariamente diversas flexibilizações de compra de armas de fogo temendo o risco de violência política no país<sup>[6]</sup>. As ações tomadas pelo STF visaram também impedir atos de incitação ao discurso de ódio de Bolsonaro, que usou os atos institucionais do bicentenário da independência do Brasil, por exemplo, como plataforma para sua campanha, convocando o exército e seus apoiadores. A pesquisa divulgada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, intitulada *Violência e democracia: panorama brasileiro pré-eleições 2022: Percepções sobre medo de Violência, Autoritarismo e Democracia*<sup>[7]</sup>, já havia alertado de que as eleições de 2022 ocorreriam em clima de insegurança, ataque e sob alegação de fraude, com ânimos exaltados e em um cenário de polarização que tem crescido desde 2013. E, de fato, o depoimento da candidata pelo MDB, Simone Tebet, durante a campanha, dava conta do momento marcante da eleição polarizante ao cargo do Presidente da República: “Triste Brasil, que tem que escolher entre

[4] TSE: Calendário eleitoral resumido – Eleições 2022, s./a. Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/calendario-eleitoral-resumido>. Acesso em: 04/10/2022

[5] Os demais candidatos não mencionados foram: Felipe d’Avila (Novo), Soraya Thornicke (União Brasil), Kelmon Souza (PTB), José Maria Eymael (DC), Vera Lúcia (PSTU), Leonardo Péricles (UP) e Sofia Manzano (PCB). Rodrigues, L.; Caselato, M. Veja quem são os candidatos à Presidência para as eleições 2022. In: CNN Brasil, 05/06/2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eleicoes-2022-veja-quem-sao-os-candidatos-a-presidencia-da-republica/>. Acesso em: 12/12/2022.

[6] OpenDemocracy. Radicalização e violência bolsonarista marcam campanha no Brasil, 27/09/2022. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/radicalizacao-violencia-bolsonarista-campanha-brasil/>. Acesso em: 11/10/2022.

[7] Fórum brasileiro de segurança pública. Violência e democracia: panorama brasileiro pré-eleições 2022. Percepções sobre medo de Violência, Autoritarismo e Democracia, 15/09/2022. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/violencia-e-democracia-panorama-brasileiro-pre-eleicoes-2022/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-e-democracia-panorama-brasileiro-pre-eleicoes-2022/). Acesso em: 11/10/2022.

dois escândalos, do Petrolão<sup>[8]</sup> e da Educação<sup>[9]</sup>”. Esta narrativa, mais do que denunciar uma resignação tácita, espelha o ambiente de polarização que têm dominado o Brasil nos últimos anos.

Para além da polarização partidária, outro aspecto que mereceu destaque na eleição brasileira de 2022 foi o *voto do ódio*. É uma expressão atribuída aos candidatos com índices de rejeição mais elevada, neste caso, aos candidatos pelo PT e PL. Com efeito, tanto Lula quanto Bolsonaro não têm credibilidade perante parte significativa da população. Na base de cada rejeição, estão escândalos de corrupção. No caso de Lula, Chefe de Estado entre 2003 e 2010, incide o processo judicial encampado pela operação Lava Jato<sup>[10]</sup>, que culminou na sua prisão em 2018. Contra Bolsonaro pesaram a precarização da educação e a má condução do combate à pandemia de Covid-19. Alguns dos exemplos ocorridos neste governo são o escândalo envolvendo o ex-ministro da Educação, Milton Ribeiro, e outros pastores por corrupção e tráfico de influência, e também os escândalos relacionados ao atraso na compra das vacinas e à promoção do “tratamento precoce” não-comprovado cientificamente, o que levou a um elevado número de casos e mortes por Covid-19 no país.

Apesar das acusações, durante os seus comícios, Lula demonstrou orgulho por ter feito o país crescer a ponto de se tornar credor do Fundo Monetário Internacional (FMI) e também pelo programa de distribuição de renda Bolsa Família, que auxiliava famílias vulneráveis. Em contrapartida, Bolsonaro foi contundente nos ataques morais contra seu principal adversário à Presidência do Brasil. Nos seus discursos, o uso de termos como “Lula, ladrão e ex-presidiário<sup>[11]</sup>” foram recorrentes.

[8] O Petrolão foi um esquema de corrupção na Petrobrás que ocorreu nos governos Lula e Dilma, envolvendo cobranças de propinas de empreiteiras, lavagem de dinheiro, evasão de divisas e superfaturamento de obras contratadas a fim de abastecer cofres de partidos, estatais e políticos, envolvendo bilhões de reais. Ghani, A. Especial: Resumão completo sobre a Operação “Lava Jato” e o “Petrolão”. In: Infomoney, 03/03/2016. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/especial-resumao-completo-sobre-a-operacao-lava-jato-e-o-petrolao/>. Acesso em: 02/01/2023.

[9] O escândalo da educação do governo Bolsonaro ocorreu em meados de 2021, envolvendo o ex-ministro Milton Ribeiro e outros pastores suspeitos de operar um “balcão de negócios” no Ministério da Educação (MEC) e na liberação de verbas do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). O ex-ministro é investigado por corrupção passiva, prevaricação, advocacia administrativa e tráfico de influência. BBC News Brasil, 22/06/2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61900067>. Acesso em: 02/01/2023.

[10] A operação Lava Jato foi uma investigação conduzida pela Polícia Federal que tinha o objetivo de identificar o uso de propinas em contratos da Petrobrás que envolvia autoridades do governo. In: Infomoney, 03/03/2016. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/especial-resumao-completo-sobre-a-operacao-lava-jato-e-o-petrolao/>. Acesso em: 02/01/2023.

[11] Vasconcelos, R. Bolsonaro e Lula reforçam lemas de campanha nos discursos e entrevistas de 2022, In: CNN Brasil, 27/09/2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-e-lula-reforcaram-lemas-de-campanha-nos-discursos-e-entrevistas-de-2022/>. Acesso em: 14/10/2022.

O discurso incendiário que caracterizou a campanha do atual Chefe de Estado não desestimulou o apoio que o candidato petista obteve. Por exemplo, o antigo presidente do Brasil (1995-2022), Fernando Henrique Cardoso, que disputara duas eleições seguidas com Lula pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), historicamente rival do PT, declarou seu apoio à candidatura de Lula nas eleições desse ano. Geraldo Alckmin<sup>[12]</sup>, outro antigo adversário de Lula outrora vinculado ao PSDB, compôs a chapa liderada pelo petista como seu vice.

Bolsonaro, por sua vez, foi tido, durante a campanha, como catalisador de ódio, através de discursos que questionavam as ações do TSE, bem como a credibilidade das urnas eletrônicas. Ademais, defendeu o armamento da população, dizendo esperar uma vitória com 60% dos votos que, caso não se concretizasse, seria sinal de que algo de anormal teria acontecido no TSE. A atitude de Bolsonaro fez antever um cenário de pequena guerra civil'. Na noite de 24/09, vários cidadãos brasileiros receberam uma mensagem (SMS) com teor golpista em caso de derrota da candidatura de Bolsonaro “vai dar Bolsonaro no primeiro turno! Senão, vamos à rua para protestar! Vamos invadir o congresso, o STF! O Presidente Bolsonaro conta com todos nós”<sup>[13]</sup>.

O jornal O Globo noticiou que o ministro Benedito Gonçalves, do TSE, notificou as empresas envolvidas no disparo de textos com ameaças ao STF e apoio à reeleição do Presidente Jair Bolsonaro. Da mensagem veiculada, depreende-se que, tal como acontecera na eleição de 2018, o recurso à difusão de mensagens propagandistas através das redes sociais constituiu um dos trunfos usados por alguns candidatos para vencer a eleição. Grande parte desses candidatos recorreu às redes sociais para difundir informações enganosas, entendidas como *Fake News*<sup>[14]</sup>.

Para reverter o cenário, múltiplas ações de caráter formal foram sendo levadas a cabo pelas entidades que gerem o processo eleitoral. Já no segundo turno, em 20 de outubro, foi aprovada pela TSE uma resolução afirmando que, em casos de notícias falsas que já tenham sido consideradas irregulares pelos integrantes do tribunal em decisão colegiada, a determinação de retirada do ar vale também para conteúdos idênticos replicados na internet. Isso significa que se uma *fake news* com conteúdo idêntico a uma já julgada pelo TSE começar a

[12] Candidato presidencial na eleição de 2006 pelo PSDB, disputada contra Lula da Silva.

[13] Gragnani, J. 'Vamos invadir Congresso e o STF': o que está por trás do disparo em massa de mensagens pró-Bolsonaro. In: BBC News, 27/09/2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63041903>. Acesso em: 23/01/2023.

[14] D'Agostino, R. Ministro do TSE pede a empresas informações sobre mensagens com ameaças a STF e apoio a Bolsonaro. In: G1, 26/09/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/26/ministro-do-tse-manda-empresas-explicarem-mensagens-com-ameacas-a-stf-e-apoio-a-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 23/01/2023.

circular, o presidente do tribunal pode ordenar que ela saia do ar sem a necessidade de uma nova ação de partidos, do Ministério Público (MP) ou uma decisão judicial com um pedido.

### **Eleição de Lula e seus desdobramentos na mídia**

Ainda no segundo turno, durante o debate na TV Globo, os então dois candidatos à Presidência da República, levantaram o tema da política externa, quando Lula acusou Bolsonaro de isolar o Brasil do mundo. O candidato do PL rebateu a crítica acusando o petista de fazer obras fora do país e não dentro e afirma que o mundo estaria torcendo por ele e não por Lula<sup>[15]</sup>.

As eleições brasileiras foram observadas por todo o mundo. Primeiramente, diversos organismos nacionais e internacionais atestaram a confiabilidade das urnas eletrônicas e, conseqüentemente, das eleições brasileiras. Missões de Observação Eleitoral (MOEs), como da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Parlamento do Mercosul (Parlasul), com mais de 120 observadores analisando por meses as urnas, acompanharam a votação e totalização dos resultados nos dois turnos realizados nos dias 2 e 30 de outubro. As instituições nacionais e internacionais atestaram que “o processo eleitoral brasileiro é seguro, confiável, transparente e eficaz, e as urnas eletrônicas são uma fortaleza da democracia”<sup>[16]</sup>.

32

Além de observadores das urnas eletrônicas, as eleições também foram apreciadas por líderes mundiais. Durante o segundo turno, líderes e ex-mandatários expressaram seu apoio a um dos dois candidatos à presidência do país. Líderes mundiais como Pedro Sánchez (Espanha), António Costa (Portugal), Alberto Fernández (Argentina), Gabriel Boric (Chile), Andrés Manuel López Obrador (México), Gustavo Petro (Colômbia) e Luis Arce (Bolívia), além de outros ex-líderes e prefeitos — como Françoise Hollande (França) e José Luis Rodríguez Zapatero (Espanha) —, expressaram ainda no segundo turno apoio ao candidato do PT. No caso do candidato do PL, Viktor Orbán (Hungria) apresentou seu apoio ao presidente, juntamente com outros ex-líderes — como Donald Trump (Estados Unidos) e Benjamin Netanyahu (Israel)<sup>[17]</sup>.

[15] Correio Braziliense. Lula sobre política externa de Bolsonaro: “Brasil vai continuar como você, sozinho”, 28/10/2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5047773-lula-sobre-politica-externa-de-bolsonaro-brasil-vai-continuar-como-voce-sozinho.html>. Acesso em: 12/12/2022.

[16] TSE. Organismos internacionais e nacionais atestam a confiabilidade das eleições brasileiras, 10/11/2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/organismos-internacionais-e-nacionais-atestam-a-confiabilidade-das-eleicoes-brasileiras>. Acesso em: 13/12/2022.

[17] Fórum. Lula ou Bolsonaro: saiba quais líderes mundiais declararam apoio na eleição do Brasil e a quem, 26/10/2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2022/10/26/lula-ou-bolsonaro-saiba-quais-lideres-mundiais-declararam-apoio-na-eleio-do-brasil-quem-125506.html>. Acesso em: 12/12/2022.



Alguns jornais estrangeiros também declararam apoio à candidatura de Lula, como o *New York Times* (NYT), que publicou um vídeo<sup>[18]</sup> contrário às políticas do presidente Bolsonaro frente a Amazônia e que a eleição brasileira definiria o futuro do planeta. Para o periódico, o atual governo representa uma ameaça à natureza e aos povos indígenas brasileiros. O jornal também destaca a Lei da Grilagem (PL 2633), que pretende dar terras desmatadas ilegalmente a criminosos que a roubaram. Em relação à Lula, o jornal afirmou que o petista foi preso devido a escândalos de corrupção e que houve recessões em sua gestão. Entretanto, o NYT destacou que houve um plano incisivo para salvar a Amazônia em seu governo nos anos 2000<sup>[19]</sup>.

Durante o segundo turno das eleições, diversas notícias sobre a corrida eleitoral saíram em veículos internacionais, utilizando adjetivos de “polarizada” a “tóxica”. O *Washington Post* escreveu uma matéria cujo título traduzido é “O canibal vs. o satanista: a política tóxica está envenenando o Brasil”<sup>[20]</sup>; a matéria destaca as divisões e polarizações criadas entre familiares, amigos, classes, raças, religiões etc. Já o *Wall Street Journal* divulgou um artigo de opinião tecendo críticas à escalada de poder do TSE na véspera das eleições e fez críticas a campanha do presidente Lula de tentar silenciar o discurso político, encerrando as discussões sobre sua condenação<sup>[21]</sup>.

Em contrapartida, os jornais da América Latina destacaram a importância destas eleições para a região. O jornal argentino *Clarín*<sup>[22]</sup> sublinhou a importância destas eleições para toda a região, destacando o papel das exportações brasileiras e de sua importância tanto para a Argentina quanto para o Mercosul. O também argentino *La Nación*<sup>[23]</sup> não só acompanhou a apuração da votação como também ressaltou o

[18] Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/nytopinion/status/1585611894571913216>. Acesso em: 12/12/2022.

[19] Correio Braziliense. New York Times declara apoio a Lula: Eleição vai definir o futuro do planeta”, 27/10/2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5047387-new-york-times-declara-apoio-a-lula-eleicao-vai-definir-o-futuro-do-planeta.html>. Acesso em: 12/12/2022.

[20] The Washington Post. The canibal vs. the Satanist: Toxic politics is poisoning Brazil, 28/10/2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/10/28/brazil-election-lula-bolsonaro/>. Acesso em: 13/12/2022.

[21] Poder360. Leia o que a mídia internacional publicou sobre a eleição no Brasil, 30/10/2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/leia-o-que-a-midia-internacional-publicou-sobre-a-eleicao-no-brasil/>. Acesso em: 13/12/2022.

[22] Clarín. Elecciones en Brasil: ¿Por qué es tan importante el gigante sudamericano para Argentina?, 29/10/2022. Disponível em: [https://www.clarin.com/mundo/elecciones-brasil-importante-gigante-sudamericano-argentina-0\\_ppqwSfTWcl.html](https://www.clarin.com/mundo/elecciones-brasil-importante-gigante-sudamericano-argentina-0_ppqwSfTWcl.html). Acesso em: 13/12/2022.

[23] La Nación. Elecciones en Brasil 2022. Lula da Silva: “Bolsonaro no me llamó, no sé si reconocerá mi victoria”, 31/10/2022. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/el-mundo/elecciones-en-brasil-2022-en-vivo-jair-bolsonaro-vs-lula-el-minuto-a-minuto-del-ballottage-nid30102022/>. Acesso em: 13/12/2022.

placar apertado a partir das últimas pesquisas de intenção de voto. A mídia colombiana *El Espectador*<sup>[24]</sup>, em sua matéria intitulada “a ‘tragédia’ da democracia no Brasil”, apresentou um cenário polarizado e desanimador, além de fazer menção ao voto envergonhado e às *fake news*. Por fim, o *El País*<sup>[25]</sup> do Uruguai sublinhou o apoio do ex-presidente José Mujica a Lula, que afirmara que a eleição não seria sobre esquerda e direita, mas sobre democracia e autoritarismo.

Já na Europa, o *El País* espanhol<sup>[26]</sup> chamou o embate entre Lula e Bolsonaro de duelo de titãs, tratando-se de um embate entre a esquerda e a extrema-direita. O *Le Monde*<sup>[27]</sup> apresentou a manchete: “Lula com ambientalistas, Bolsonaro com motociclistas: os últimos atos da campanha presidencial brasileira” e, em seguida, compartilhou um documentário sobre a crise climática e a floresta Amazônica, além do incidente com a deputada Carla Zambelli. O jornal britânico *The Guardian*<sup>[28]</sup> constatou que as pesquisas subestimaram Bolsonaro durante o primeiro turno e sugeriu que o resultado seria imprevisível, já que Lula possuiria apenas uma pequena margem de vantagem. Os portugueses também deram muito destaque às eleições brasileiras, com o jornal Público<sup>[29]</sup> enfatizando que sairia vitorioso aquele que fosse menos odiado, e a CNN Portugal<sup>[30]</sup> sugerindo uma pequena possibilidade de surpresas no resultado<sup>[31]</sup>.

[24] El Espectador. La “tragedia” de la democracia em Brasil, 29/10/2022. Disponível em: <https://www.elespectador.com/mundo/america/la-tragedia-de-la-democracia-en-brasil-noticias-de-hoy/>. Acesso em: 13/12/2022.

[25] El País Uruguai. Duelo final entre Bolsonaro y Lula em las elecciones de hoy, 30/10/2022. Disponível em: <https://www.elpais.com.uy/mundo/duelo-final-bolsonaro-lula-elecciones-hoy.html>. Acesso em: 13/12/2022.

[26] El País. Lula contra Bolsonaro, el duelo definitivo entre dos titanes em Brasil, 29/10/2022. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-10-30/lula-contra-bolsonaro-el-duelo-definitivo-entre-dos-titanes-en-brasil.html>. Acesso em: 14/12/2022.

[27] Le Monde. Bolsonaro a perdu la présidentielle au Brésil, mais remporté la bataille culturelle, 22/11/2022. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/11/22/bolsonaro-a-perdu-la-presidentielle-au-bresil-mais-remporte-la-bataille-culturelle\\_6150983\\_3232.html](https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/11/22/bolsonaro-a-perdu-la-presidentielle-au-bresil-mais-remporte-la-bataille-culturelle_6150983_3232.html). Acesso em: 13/12/2022.

[28] The Guardian. Brazilians go to polls with Lula slight favourite to oust far-right Bolsonaro, 30/10/2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/oct/30/brazil-election-lula-bolsonaro>. Acesso em: 13/12/2022.

[29] Público. Nas eleições presidenciais brasileiras, a vitória será do menos odiado, 29/10/2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/10/29/mundo/noticia/eleicoes-presidenciais-brasileiras-vitoria-sera-menos-odiado-2025855>. Acesso em: 13/12/2022.

[30] CNN Portugal. “Convencer um flamenguista a virar botafoguense”? Brasileiros não mudaram sentido de voto e Lula é favorito nas sondagens, 30/10/2022. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/lula-da-silva/eleicoes-presidenciais/convencer-um-flamenguista-a-virar-botafoguense-brasileiros-nao-mudaram-sentido-de-voto-e-lula-e-favorito-nas-sondagens/20221030/635bc4f70cf2f9a86ebcf506>. Acesso em: 13/12/2022.

[31] Poder360. Leia o que a mídia internacional publicou sobre a eleição no Brasil, 30/10/2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/leia-o-que-a-midia-internacional-publicou-sobre-a-eleicao-no-brasil/>. Acesso em: 13/12/2022.

Após a vitória de Lula com 50,88% dos votos, diversos chefes de Estado parabenizaram o novo presidente eleito. Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, destacou a credibilidade das eleições e colocou-se disposto a desenvolver iniciativas entre os países: “parabéns ao Luiz Inácio Lula da Silva por ser eleito o próximo presidente do Brasil após um processo eleitoral livre, justo e confiável. Espero trabalharmos juntos para continuar a cooperação entre nossos países nos próximos meses e anos” disse Biden em nota divulgada pela Embaixada estadunidense no Brasil<sup>[32]</sup>.

O líder francês Emmanuel Macron também parabenizou o petista: “Parabéns, caro Lula, por sua eleição que dá início a um novo capítulo da história do Brasil. Juntos, vamos unir nossas forças para enfrentar os muitos desafios comuns e renovar o vínculo de amizade entre nossos dois países”, afirmou em suas redes sociais<sup>[33]</sup>. Também da União Europeia, Pedro Sanchez, presidente espanhol, felicitou o novo presidente eleito: “Parabéns, Lula, pela vitória nesta eleição na que o Brasil decidiu torcer pelo progresso e a esperança. Vamos trabalhar juntos pela justiça social, a igualdade e contra as mudanças climáticas. Seu sucesso vai ser do povo brasileiro”, disse em seu Twitter<sup>[34]</sup>. Outros representantes internacionais também se manifestaram parabenizando o novo presidente, como Justin Trudeau (Canadá), António Costa (Portugal), Rishi Sunak (Reino Unido), Umaro Embaló (Guiné-Bissau), Anthony Albanese (Austrália), Dr Ariel Henry (Haiti), Olaf Scholz (Alemanha), Josep Fontelles (vice-presidente da UE) e Tedros Ghebreyesus, diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), além da Embaixada da China no Brasil<sup>[35]</sup>.

Na América Latina, Alberto Fernández, presidente argentino, não só parabenizou seu novo homólogo pelas redes sociais como viajou e encontrou-se com o petista no dia 31 de outubro em São Paulo. Pelas redes, Fernández disse: “Parabéns Lula! Sua vitória abre um novo tempo na história da América Latina. Um tempo de esperança e de futuro que começa hoje.”<sup>[36]</sup>. Além de Fernández, outros nomes da região

[32] Twitter. Disponível em: [https://twitter.com/patricia\\_vasc/status/1586865726647930886](https://twitter.com/patricia_vasc/status/1586865726647930886). Acesso em: 02/01/2023.

[33] Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/emmanuelmacron/status/1586858087138344960>. Acesso em: 02/01/2023.

[34] CorreioBraziliense. Biden, Macrone Fernandez: líderes mundiais repercutem vitória de Lula, 30/10/2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/amp/5048192-biden-macron-e-fernandez-lideres-mundiais-repercutem-vitoria-de-lula.html>. Acesso em: 14/12/2022.

[35] O Tempo. Saiba quais foram os líderes mundiais que já parabenizaram Lula nas redes, 31/10/2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/eleicoes/saiba-quais-foram-os-lideres-mundiais-que-ja-parabenizaram-lula-nas-redes-1.2759047>. Acesso em: 14/12/2022.

[36] CNN Brasil. Lula recebe presidente da Argentina, Alberto Fernández, em São Paulo, 31/10/2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-recebe-presidente-da-argentina-alberto-fernandez-nesta-segunda-feira-em-sp/>. Acesso em: 14/12/2022.

também parabenizaram o novo presidente, como Luis Arce (Bolívia), Miguel Bermúdez (Cuba), Andrés Obrador (México), Nicolás Maduro (Venezuela), Guillermo Lasso (Equador), Pedro Castillo (Peru), Luis Lacalle Pou (Uruguai), Mario Abdo (Paraguai) e Gabriel Boric (Chile)<sup>[37]</sup>.

### Considerações Finais

As eleições presidenciais brasileiras foram marcadas por um intenso clima de polarização e violência física e simbólica. Associado a isso, as *fake news*, a instrumentalização de símbolos nacionais — como o 7 de setembro — para fins políticos e o acirramento dos debates eleitorais entre os candidatos, sobretudo entre Lula e Bolsonaro, marcaram o ambiente político do país, que por muitas vezes foi considerado tóxico e polarizado pela imprensa nacional e internacional, além de também representar uma ameaça à democracia.

As pesquisas de intenção de voto também demonstraram grande importância durante o período eleitoral. A falta de precisão em muitas das previsões dos institutos de pesquisa tanto no primeiro quanto no segundo turno corroborou com narrativas que buscavam questionar a integridade das urnas e do processo eleitoral. É importante ressaltar, entretanto, a importância do papel desempenhado pelas missões eleitorais de observação nacionais e internacionais, que acompanharam as eleições brasileiras desde o princípio. As afirmações positivas dadas por estas missões acerca das urnas eletrônicas e de toda a apuração serviram para derrubar quaisquer tentativas de desacreditar o processo eleitoral brasileiro e a legalidade da eleição de Lula.

Por fim, as eleições presidenciais brasileiras foram observadas por líderes de todo o mundo. De artigos tecendo críticas aos candidatos até matérias voltadas para as questões ambientais referentes à Amazônia, as eleições brasileiras eram aguardadas por diversos líderes regionais e de grandes centros do globo. A eleição de Lula para mais um mandato, para muitos desses líderes, resultou em maiores possibilidades de intercâmbio e cooperação com o Brasil, colocando assim o país novamente dentro das relações interestatais e dos fóruns internacionais.

*Recebido para publicação em 18 de janeiro de 2022.*

[37] O Tempo. Saiba quais foram os líderes mundiais que já parabenizaram Lula nas redes, 31/10/2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/eleicoes/saiba-quais-foram-os-lideres-mundiais-que-ja-parabenizaram-lula-nas-redes-1.2759047>. Acesso em: 14/12/2022.

O NEAAPE reúne pesquisadoras e pesquisadores dedicados a compreender o processo decisório e os temas que integram as agendas de política externa por meio de estudos e análises sobre distintos países, seja de forma individual ou sob uma perspectiva comparada. O NEAAPE também produz textos, mapas, infográficos, tabelas e entrevistas que ilustram e problematizam este campo de pesquisa e reflexão. Criado em 2016, o Núcleo dá continuidade às pesquisas realizadas no âmbito da extinta Rede de Agendas e Atores de Política Externa que foi responsável, com apoio do CNPq, por avançar a reflexão sobre a política externa como uma política pública.

